

APRECIACÃO DA PAISAGEM DO BAIXO MONDEGO³³

António Campar de Almeida

Centro de Estudos Geográficos, Fac. Letras, Coimbra

O Baixo Mondego, sub-região entendida no sentido que tem sido dado por alguns de nós (Almeida *et al.*, 1991), ou seja a parte da bacia do rio Mondego a jusante do Maciço Marginal de Coimbra, é um espaço que está longe de ser monótono e que nem sempre é tão “baixo” como a sua denominação pode parecer expressar. De facto, a variedade lítica e estrutural, pelas diferentes morfologias, solos, coberturas vegetais e correspondentes aproveitamentos humanos, impõe o aparecimento de uma diversidade de unidades paisagísticas (Soares *et al.*, 1989) que têm sido objecto de análise sob múltiplas perspectivas e mais ou menos detalhada. As paisagens em si, como objecto de estudo, apenas foram abordadas esporadicamente, ora inseridas em trabalhos de outro âmbito, como L. Cunha (1990), sobre as Serras calcárias de Condeixa-Sicó-Alvaiázere, ora sobre o espaço restrito da Serra da Boa Viagem, como A. C. Almeida (1997), ora sobre a área do PIDR-BM, como F. Rebelo *et al.* (1990), com o objectivo de uma aplicação ao turismo. Com excepção do segundo trabalho, a sua análise resultou da aplicação de concepções e apreciações dos próprios autores.

Na presente comunicação pretende-se perceber a composição da paisagem do Baixo Mondego pela percepção que dela têm pessoas alheias à sua compreensão científica, mas simplesmente pelo modo como a vêem, a sentem, pelas emoções que ela lhes faz sentir. Isso será expresso pelos componentes que em cada local de observação as pessoas conseguem isolar e, portanto, destacar de tudo o resto. Deste modo está-se a valorar determinados componentes (elementos) que são os capazes de despertar emoções dos mais variados tipos, em detrimento de outros que passam despercebidos e são, portanto, paisagisticamente inertes (em termos de percepção).

Em vez de escolhermos previamente os tramos de paisagem que seriam sujeitas à atribuição de valores pelas pessoas inquiridas, limitámo-nos a registar a apreciação destas durante percursos que elas perfaziam.

Escolha dos percursos e método

Os percursos foram escolhidos de modo a poderem ser percorridas ou visionadas de perto as principais unidades geomorfológicas já definidas para o Baixo Mondego (Almeida *et al.*, 1991). O primeiro percurso ladeou os Campos do Mondego, pela margem Sul, o estuário do Mondego, o campo de dunas litoral e cruzou os vales dos afluentes e os interflúvios gresosos da mesma margem. O segundo percorreu uma parte da depressão marginal de Coimbra e transpôs as serras calcárias a Sul desta cidade (Fig. 1).

³³ Trabalho elaborado no âmbito do projecto PRAXIS XXI n° 2/2.1/CTA/156/94.

O método utilizado foi semelhante ao seguido em trabalho anterior, quando se pretendeu analisar a paisagem da Serra da Boa Viagem, tendo em conta os elementos e sensações referidos por quatro grupos de pessoas de formação diferente: alunos e professores de diferentes cursos da Faculdade de Letras (Almeida, 1997). A escolha teve em conta o facto destes inquiridos serem, ou virem a ser, influentes em vastas camadas da população, pelo menos na jovem, para além de terem uma proveniência variada, quer urbana, quer rural, quer de outros países, desde asiáticos a europeus e americanos. Estiveram implicadas 29 pessoas, com idades compreendidas entre os 20 anos e os 55 anos, de ambos os sexos.

Localização dos pontos

Mais uma vez pode pôr-se em questão o sentido dos percursos e a sua eventual influência sobre os pontos escolhidos pelas pessoas. Se o primeiro percurso se iniciasse pelas colinas gresosas em vez de pelas margens dos campos do Mondego, estes teriam tão grande incidência de escolhas? É possível que diminuísse a percentagem de escolhas, mas, pela análise das respostas dadas, pode concluir-se que as suas características morfológicas indutoras de um contraste acentuado de formas e especialmente de locais salientes com vistas sobre largos espaços, decerto seriam sempre objecto da maior parte das preferências.

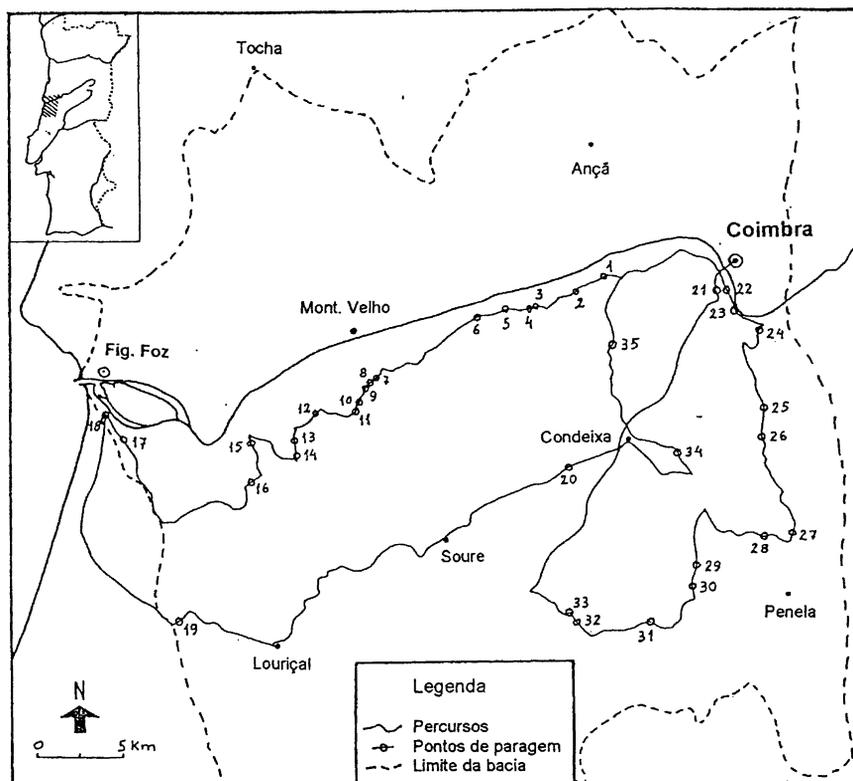


Fig. 1 – Localização dos percursos e pontos de paragem

De facto, na área correspondente aos campos do Mondego e colinas gresosas, com 22 pontos referenciados, apenas 3 não recaíram sobre as margens da planície aluvial do Mondego ou dos seus

afluentes principais (Fig. 1). A maior monotonia morfológica, vegetal e mesmo de ocupação humana das colinas gresosas, rouba-lhe interesse em termos paisagísticos.

Nas margens da planície há tramos do percurso onde a densidade de pontos é maior. Um deles é entre Taveiro e Santo Varão e pode explicar-se por corresponder ao primeiro contacto das pessoas com os campos, quer no seu interior quer em posição alcandorada, possibilitando a abrangência da sua visão.

O outro corresponde, em grande parte, ao planalto de Verride. Vários aspectos podem ser retidos para uma possível explicação. Antes de mais o contraste morfológico brusco proporcionado pela costeira de Arnes que, tanto pela sua forma como pela sua constituição lítica, surge como algo exótico relativamente a um trajecto feito ora sobre níveis de terraços arenosos ou cascalhentos ora sobre fundos aluviais. Outra razão é a maior elevação sobre os campos, neste caso dos três rios – Mondego, Arunca e Pranto –, oferecida pelo planalto, assim como a vista sobre o estuário que é possível de muitos sítios desta forma saliente.

Outro aspecto a relevar é o grande número de pontos em que o objecto sobre o qual incidiu a análise foi a planície aluvial. Dos 22 pontos desta área, 15 centram-se sobre a planície e mesmo no percurso das serras calcárias um dos pontos incidiu sobre a planície do rio Mondego. Isto demonstra como é dominante a presença da planície aluvial do Mondego e dos seus afluentes na caracterização da paisagem entre Coimbra e a Figueira da Foz.

A distribuição dos pontos escolhidos ao longo do percurso das serras calcárias, enquanto feito sobre a área serrana, é mais uniforme. De igual modo, a maioria dos pontos situa-se em posição elevada (11 em 13) e, por isso mesmo, o alcance de visão foi considerado longo, em regra até ao horizonte. Resulta isto de uma boa parte do trajecto ser feito sobre cumeadas ou a meia vertente.

Esta uniformidade distributiva pode ser consequência da diversidade paisagística encontrada, resultante, decerto, da variedade do substrato lítico sobre o qual se desenrolou o trajecto. Em primeiro sobre a depressão dos Grés de Silves, com a serra do Maciço Marginal de Coimbra a servir de pano de fundo, depois, para ocidente, sequentemente sobre as colinas dolomíticas, sobre as depressões calcomargosas liásicas e, finalmente, sobre as serras e planaltos calcários (Cunha, 1990). Ou seja, uma grande variedade de formas, de coberto vegetal e, mesmo, de tipo de ocupação humana e de aproveitamento do espaço.

As preferências manifestadas pelas pessoas, permitem agrupar os pontos por unidades de paisagem que, contrariamente ao esperado, nem sempre são passíveis de separação espacial, mas, nalguns casos, exigem a aplicação de um zoom sobre a mesma unidade, passando esta a ser apreciada sob uma perspectiva bi-escalar: ora com alcance de visão quilométrica ora hectométrica. Assim, da apreciação feita sobre a paisagem do Baixo Mondego podem ser estabelecidas as seguintes unidades: *planície vista de longe*, *planície vista de perto*, *estuário do Mondego*, *serras vistas de longe* e *serras vistas de perto*, para além de alguns aspectos particulares não agrupáveis.

Elementos mais salientes

Em cada ponto de paragem, as pessoas registavam os elementos da paisagem que consideravam relevantes naquele trecho observado. É a análise desses elementos que será feita em relação com as unidades já definidas. Tomou-se em atenção apenas os elementos que foram referidos pelo menos duas vezes em cada ponto, ou seja, por duas pessoas.

Sobre a unidade *planície vista de longe*, referenciada em 10 pontos, os elementos mais apontados foram, por ordem decrescente: rio, campos inundados, povoamento, campos, árvores e ponte.

Destacam-se nitidamente os elementos ligados à presença da água, elemento-chave dos campos do Mondego, pelos espelhos de água proporcionados pelo rio e pelos campos de arroz em fase de sementeira ou de crescimento. Logo de seguida dá-se importância à presença do homem quer através do povoamento, sequência de povoações em quase *continuum*, ladeando a planície, quer pelos campos parcelados, produto de um trabalho secular do homem borda d'água, quer, ainda, pelas pontes, elemento obrigatório para uma área cortada por um rio importante e onde a circulação das pessoas é primordial. As árvores são outro elemento sempre presente na planície, em particular as espécies ripícolas, dispostas em renques ao lado dos cursos de água.

Quanto à unidade *planície vista de perto*, definida por 4 pontos, os elementos mais apontados foram: árvores, rochas, campos inundados, rio e ponte. Repete-se a maior parte dos elementos mas a primazia é dada às árvores, já que nas zonas baixas, pela sua constante presença e pelo seu porte, barram o horizonte confinando o espaço visível. O elemento rochas faz referência aos calcários que, pela sua dureza, ajudam a construir costeiras, geofomas salientes com algum protagonismo junto da planície. Os outros três elementos, que têm a ver com a presença da água, não podiam deixar de ser referidos tal o seu peso nesta paisagem.

Dois pontos, apenas, foram dedicados ao *estuário do Mondego* e aqui os elementos mais apontados foram: barcos, casas de madeira, gaiotas, ilhas e ponte. Elementos óbvios de uma unidade de paisagem junto ao litoral, onde o homem se dedica à pesca, neste caso em botes, mas também à exploração do sal que armazena em casas de madeira dispersas pela Ilha da Morraceira ou na margem sul. O esvoaçar das gaiotas é uma constante e concentram-se frequentemente nas ilhotas formadas pelo sapal, ao acumular sedimentos finos transportados pelas correntes de maré no braço sul do rio. As pontes que atravessam aqui o rio são demasiado evidentes para escapar a qualquer observador deste espaço.

Outros locais foram objecto de apreciação, mas não se inserem em nenhuma destas unidades, por se referirem a temas particulares.

Dois pontos dizem respeito a *casas solarengas* antigas, frequentes nas povoações marginais aos campos do Mondego e que reflectem a riqueza que noutros tempos estes campos proporcionavam aos que deles eram donos e senhores. Os elementos mencionados têm a ver com a própria arquitectura dos edifícios ou com a sua inserção no espaço.

Um dos pontos incidiu sobre uma exploração de *cavalos*, outra das actividades típicas e tradicionais dos campos do Mondego.

Dois pontos foram salientados por causa de elementos perfeitamente banais para os portugueses, mas que os alunos estrangeiros acharam dignos de relevo. Uma *casa tipo emigrante*, pela forma e pintura e um *pinhal resinado* pelo aspecto exótico dos púcaros de resina no tronco dos pinheiros. Do mesmo modo assinalaram o *aterro municipal* de Coimbra talvez por terem sido alertados pelo grande número de milhafres que o sobrevoavam ou por ferir demasiado a vista ou as narinas...

As serras calcárias, e do mesmo modo, podem ser analisadas sob duas perspectivas diferentes em função da escala de observação.

As *serras vistas de longe*, observadas de 7 pontos, foram caracterizadas pelos seguintes elementos mais referidos: serra, vinhas, monte, pinheiros, povoação, pedreira e oliveiras.

Nesta área o horizonte é sempre fechado por elevações mais ou menos importantes, quer do Maciço Antigo quer da Orla calcária. O assinalar destes aspectos por parte das pessoas demonstra como as formas mais salientes na paisagem continuam a sensibilizá-las. O acidentado do terreno vai

permitir apenas culturas de espécies agrícolas mais frugais: a vinha, nos solos melhores, barrentos, e a oliveira um pouco por todo o lado. São elementos humanos muito importantes numa área onde os recursos edáficos são parcos. Os pinheiros, talvez por serem espécies conhecidas, acabam por ser referidos amiúde, apesar da ocorrência de espécies arbóreas espontâneas em muitos dos locais percorridos. Surgem sempre que uma cobertura quartzosa esconde, ao menos parcialmente, os calcários. As povoações, pequenas, com disposição topográfica diversificada e, talvez, pelo seu isolamento, são outro elemento de relevo nesta paisagem. As pedreiras, situadas em especial na vertente ocidental das serras calcárias, são demasiado grandes e agressivas à vista para passarem despercebidas. A exploração do recurso mais abundante destas serras, a pedra calcária, com uma procura cada vez maior, torna-as uma realidade insofismável.

Quando as *serras* são *vistas de perto*, o que aconteceu em 4 locais, os elementos mais assinalados foram outros: casas, lago, patos, ruínas, montes e torre.

Se as povoações vistas à distância foram dignas de referência, no seu seio as casas também mereceram registo. A sua construção em pedra, algumas vezes sem reboco, e o seu aspecto austero, conferem-lhe alguma dignidade e uma boa integração na paisagem.

A referência a lago é evidente quando, em área que se sabe ser muito pobre em água, esta surge em manancial importante. A passagem por uma dolina com água e, especialmente, por uma exurgência, permitiram esta indicação. Os patos também, por serem normais utentes deste lago. Ainda ligados com a exurgência foram os elementos ruínas e torre, como obras outrora utilizadas na exploração desta água.

Montes como elemento enquadrante que fecha o horizonte, continua a ser assinalado.

Aqui também um local surge isolado do contexto do percurso das serras calcárias e situa-se defronte do rio Mondego, num tramo onde ainda chega a albufeira do açude-ponte. Mais uma vez os elementos ligados à água a salientarem-se, como água, rio, reflexos na água, assim como os vegetais ladeantes.

Síntese e conclusão

Tendo em conta os elementos mais vezes indicados e, portanto, preferidos pelas pessoas inquiridas, pode dar-se uma imagem sintética dos tipos de paisagem, assim como são percebidos neste espaço do Baixo Mondego.

Há um nítido contraste entre a paisagem dos campos do Mondego e a paisagem das serras calcárias. No primeiro caso, pode sintetizar-se a sua constituição do seguinte modo: uma planície larga subdividida por inúmeros campos ora inundados de água ora não, cortada por rios ladeados de árvores e atravessados por pontes que ligam povoações a bordjarem a planície e onde pontificam algumas casas solarengas, com sinais de alguma degradação. Por vezes, formas salientes, de vertentes abruptas, marginam a planície e nesta há cavalos a pastar. Para jusante, e com a proximidade do mar, a planície transforma-se com a presença dos barcos, das casas do sal, das gaivotas e das pequenas ilhotas com sapal. Só a ponte permanece como elo unificador.

A paisagem das serras calcárias pode caracterizar-se por um relevo mais ou menos acidentado onde o homem plantou vinhas e oliveiras e implantou pequenas povoações constituídas por casas de pedra. Sempre que é possível desenvolvem-se pinhais, quando é mais agreste aproveita-se a pedra em pedreiras enormes. Nalguns pontos a água brota em grande quantidade e é, e foi outrora, objecto de aproveitamento por animais e pessoas. Todo este cenário é enquadrado por serras ou montes, mais afastados ou mais próximos.

Pode concluir-se que a água é um elemento que desde que esteja presente motiva um fenómeno de atracção irresistível, pois é sempre mencionada. Pode ser o *leit motiv* da paisagem, como nos campos do Mondego, ou desempenhar um papel secundário como nas serras calcárias, de qualquer modo nunca passa despercebida. Esta valorização da água tem sido conhecida por *hidrofilia* (Saraiva, 1999). O mesmo se poderá dizer da vegetação arbórea que tem um papel sempre importante nas preferências das pessoas. Pode ser mencionada apenas como árvores, quando as pessoas desconhecem as espécies, como acontece nos campos do Mondego; ou então referida pelo nome das espécies, como no caso das serras calcárias. Esta valorização da vegetação também tem sido chamada de *fitofilia* (*idem, ibidem*). Mas a frequência com que são mencionadas as formas salientes da paisagem, como as serras e os montes, mesmo quando são banais pela sua constância, e estão próximas ou afastadas, levamos a admitir a possibilidade de estarmos perante uma *orofilia*, gosto que parece perdurar desde o séc. XVII (Bernáldez, 1981).

Mas “o esforço do homem” (Martins, 1940) nesta parcela terminal da bacia do Mondego também contribuiu sobremaneira para a composição da sua paisagem. Em todas as unidades definidas se faz notar a sua presença pelas referências a transformações do espaço por si levadas a cabo. Trata-se, de facto, de uma paisagem profundamente humanizada.

À guisa de remate, e levando em conta os elementos dominantes escolhidos para as duas grandes unidades morfológicas do Baixo Mondego, pode-se dizer que se se pretendesse pintar em traços largos a sua paisagem, a obra resultante traduziria de modo perfeito o termo chinês para paisagem sob a perspectiva artística – *shan shui*, ou seja, montanha e água (Tuan, 1974).

Referências bibliográficas

- Almeida, A. C. (1997) – “Apreciação da paisagem da Serra da Boa Viagem”, *Actas do III Encontro Nacional de Geografia*, Porto (no prelo).
- Almeida, A. C.; Soares, A. F.; Cunha, L.; Marques, J. F. (1991) – “Proémio ao estudo do Baixo Mondego”. *Biblos*, Coimbra, vol. LXVI, pp. 17-47.
- Cunha, L. (1990) – “Alguns problemas ambientais em áreas cársicas. O exemplo das serras calcárias de Condeixa-Sicó-Alvaiázere”. *Cadernos de Geografia*, Coimbra, pp. 127-142.
- González Bernáldez, F. (1981) – *Ecología y Paisaje*. H. Blume Ediciones, Madrid, 250 p.
- Rebelo, F.; Cunha, L.; Almeida, A. C. (1990) – “Contribuição da Geografia Física para a inventariação das potencialidades turísticas do Baixo Mondego”. *Cadernos de Geografia*, Coimbra, pp. 3-34.
- Saraiva, M. Graça A. N. (1999) – *O rio como paisagem*. Lisboa, F. C. Gulbenkian e F. Ciência e Tecnologia, Col. Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas, 512 p.
- Soares, A. F.; Cunha, L.; Marques, J. F. (1989) – “Depósitos quaternários do Baixo Mondego. Tentativa de coordenação morfogenética”. *Actas da II Reunião do Quaternário Ibérico*, Madrid.
- Tuan, Yi-fu (1974) – *Topophilia: a study of environmental perception, attitudes and values*. Printice-Hall Inc., New Jersey.